Lição 7 — A Alma como Motora do Corpo. Demócrito e Platão

TEXTO 406b15–407a2 - LIVRO I, CAPÍTULO III, CONTINUAÇÃO

> *Alguns dizem que uma alma move o corpo no qual habita assim como se move a si mesma; como fez Demócrito, que falou como o poeta cômico Filipe; pois este relata que Dédalo fez uma Vênus de madeira móvel derramando mercúrio nela. Demócrito, então, falou de maneira semelhante, dizendo que há em movimento glóbulos indivisíveis cuja natureza é nunca estar em repouso, e que, portanto, atraem e movem o corpo todo. §§ 87-8*
>
> *Agora, o que perguntaríamos é se esta é também a causa de entrar em repouso? Como poderia ser, nesta hipótese, é difícil de ver, de fato impossível. § 89*
>
> *A alma parece, em geral, não mover o ser animado desta forma, mas antes por uma espécie de escolha e entendimento. § 90*
>
> *Da mesma forma, o Timeu expõe uma teoria física sobre como a alma move o corpo. Pois, pelo fato de a alma mover-se a si mesma, ela move o corpo, como resultado de sua conexão com o corpo. § 91*
>
> *'Sendo composta dos elementos e dividida segundo números harmônicos, de modo a ter um senso inato de harmonia, e o todo ser levado adiante com movimentos bem afinados, §§ 92-8*
>
> *[Deus] curvou a linha reta em um círculo e, dividindo-a, fez de um dois círculos, ajustados em dois pontos; e, novamente, dividiu um destes em sete círculos, como se os movimentos celestes fossem os movimentos da alma.' §§ 99-106*

COMENTÁRIO DE SÃO TOMÁS

LEITURA SETE

§ 87. Tendo argumentado de modo geral contra a visão de que o movimento pertence essencialmente à alma, o Filósofo agora apresenta argumentos contra filósofos particulares cujas teorias do movimento da alma parecem dar origem a alguma dificuldade especial. Esses argumentos se dividem em três grupos. Primeiro, ele se opõe a uma opinião de Demócrito; depois, em 'Da mesma forma', a uma de Platão; e terceiramente, em 'Há outra opinião', a outra teoria.

Ele começa, então, expondo a visão de Demócrito sobre o movimento da alma; e depois traz objeções contra ela.

§ 88. Esta teoria já foi referida por Aristóteles em sua quarta objeção à visão de que a alma se move em si mesma e por este movimento faz o corpo se mover. Se a alma move o corpo, ele disse, deve fazê-lo em virtude de seu próprio movimento. Isso foi admitido por aqueles que disseram que cada alma movia seu próprio corpo de maneira correspondente ao movimento em si mesma; entre os quais estava Demócrito, que usou a seguinte ilustração. Havia um certo dramaturgo cômico chamado Filipe que conta em algum lugar sobre um certo Dédalo, que ele fez uma estátua de madeira da deusa Vênus, e que esta estátua, sendo preenchida com mercúrio, era capaz de se mover. Ela se movia conforme o mercúrio se movia. E o que Demócrito disse sobre o movimento da alma era bastante semelhante. A alma, ele disse, (como foi notado acima) era composta de esferas ou átomos indivisíveis que, sendo de forma redonda, estavam sempre se movendo, e por seu movimento incessante faziam todo o corpo coesionar e mover-se correspondentemente.

§ 89. Então, em 'Agora, o que, etc.', Aristóteles coloca duas objeções a isso. Primeiro, é acordado que nos animais a alma é a causa de repousar, bem como a causa do movimento. Mas, segundo Demócrito, a alma nunca é a causa do repouso, embora seja a causa dos movimentos animais. Pois ele dificilmente poderia sustentar que aqueles átomos esféricos alguma vez repousassem se nunca cessam de se mover.

§ 90. Novamente, em 'A alma parece' ele coloca uma segunda objeção. O movimento causado pelo mercúrio na estátua é obviamente não espontâneo; é um movimento forçado. Ao contrário, o da alma é espontâneo, procedendo da mente e da vontade. Portanto, a visão de Demócrito parece inútil.

§ 91. Então, em 'Da mesma forma' ele primeiro expõe a opinião de Platão, que, em 'Agora, em primeiro lugar,', ele rejeitará. Mas antes de explicar o que Platão disse sobre a alma, ele mostra sua similaridade com a teoria de Demócrito. Assim como Demócrito supôs que os movimentos da alma moviam o corpo ao qual estava unida, assim também fez Timeu, um orador introduzido por Platão. Pois ele disse que a alma move o corpo na medida em que a própria alma se move; porque os dois estão, por assim dizer, ligados um ao outro.

§ 92. Com "Sendo composto, etc.", Aristóteles explicita a visão de Platão; primeiro sobre o que constitui a essência da alma, em "Deus curvou, etc.", sobre como o movimento procede dela. Quanto à primeira questão, note que as palavras aqui citadas são usadas por Platão no *Timeu* e se referem à Alma do mundo que, segundo ele, é imitada pelas almas inferiores. Assim, quando ele toca, como aqui, na natureza da Alma do Mundo, refere-se também, de certa forma, a qualquer alma. Ora, Platão, pela razão já dada, sustentou que a essência de todas as coisas era numérica; e que no número o elemento formal, por assim dizer, era um e o elemento material dois – todos os

números sendo compostos de um e dois. E como os números ímpares retêm algo da indivisão do um, ele estabeleceu dois elementos do número, o par e o ímpar, atribuindo ao ímpar a identidade e a finitude, mas ao par a diferença e a infinitude.

§ 93. Alguma explicação desta teoria pode ser encontrada na *Física*, Livro III. Se números ímpares são adicionados à unidade em sequência, o mesmo tipo de número 2 sempre resulta; por exemplo, se 3, o primeiro número ímpar, é adicionado a 1, obtém-se o número quadrado 4; se a 4 você adiciona o segundo número ímpar, 5, obtém-se 9, que também é um número quadrado; e assim por diante até o infinito. Mas com números pares, o resultado é sempre um tipo diferente de número. Adicione 2, o primeiro número par, a 1, o resultado é o número 'triangular' 3; ao qual se você adicionar 4, o segundo número par, obtém-se 7 que é 'septangular'; e assim por diante até o infinito. Por isso Platão fez da Identidade e da Diferença os primeiros elementos de todas as coisas, atribuindo a primeira aos números ímpares, a última aos pares.

§ 94. E porque ele colocou a alma no meio-termo entre as substâncias superiores, que nunca mudam, e as substâncias corpóreas, que mudam e se movem, ele pensou que a alma era constituída dos elementos de Identidade e Diferença, e assim de números ímpares e pares. Pois o meio-termo deve participar de ambos os extremos. É por isso que Aristóteles diz que Platão sustentava que a alma era constituída por esses elementos.

§ 95. Novamente, devemos notar que nos números há diferentes proporções e infinidades, das quais algumas são harmônicas, i.e., a causa da harmonia. A proporção dupla causa a harmonia chamada oitava; a de 3 para 2 causa a harmonia chamada quinta; (a de 4 para 3 causa a harmonia chamada quarta); a de 9 para 8 causa um tom; e as outras harmonias são causadas por outras proporções: por exemplo, a harmonia composta de uma oitava e uma quinta é causada pela proporção tripla; a das oitavas duplas é causada pela proporção quádrupla, que foi descoberta por Pitágoras, como Boécio [*De Musica*, I, 10] relata, a partir do golpe de quatro martelos que soavam em harmonia de acordo com as referidas proporções. Assim, se um martelo pesava doze onças, um nove, um oito e um seis, o que pesava doze onças estaria na proporção de dois para um em relação ao que pesava seis, e os dois juntos produziriam a harmonia da oitava. Novamente, o que pesava doze onças estaria como três para dois em relação ao que pesava oito, e a harmonia produzida seria a de uma quinta; similarmente no caso daqueles que pesavam nove onças e seis onças. Novamente, o que pesava doze onças está na proporção de quatro para três em relação ao que pesava nove, e em conjunto com ele produz a harmonia de uma quarta; assim também o que pesa oito com o que pesa seis; enquanto o que pesa nove está proporcionado ao que pesa oito, e produz com ele a harmonia chamada tom.

§ 96. Mas se Platão reduzia tudo a números, estes não eram números harmônicos, exceto no caso da alma. Por isso Aristóteles apresenta como visão de Platão que a alma era 'dividida', ou, por assim dizer, pesada, 'de acordo com números harmônicos', i.e., a números relacionados entre si em proporções musicais. Ele disse que a alma era constituída pelos números 1, 2, 3, 4, 8, 9 e 27; nos quais essas proporções harmônicas são encontradas.

§ 97. E ele tinha duas razões para pensar isso. Uma era o fato de que a similaridade e a connaturalidade são sempre uma causa de prazer. Encontramos a alma sentindo prazer em todas as harmonias e desgostando de tudo que é inarmônico nos sons e nas cores e, de fato, em

qualquer qualidade sensível. Assim, a harmonia parece ser natural à alma. É isso que ele quer dizer ao afirmar que a alma tem 'um sentido conatural (i.e., conhecimento) de harmonia'.

§ 98. A segunda razão é que os pitagóricos e platônicos pensavam que sons belamente harmônicos resultavam dos movimentos dos corpos celestes; e, como supunham esses movimentos serem causados pela Alma do Mundo, naturalmente concluíram que a alma era feita de números harmônicos. Por isso Aristóteles diz 'que o todo (i.e., Universo) seja levado adiante com movimentos bem afinados'.

§ 99. Em seguida, quando ele diz 'Deus curvou, etc.", Aristóteles explica como a Alma do Mundo é a causa dos movimentos celestes. Tomando todos os números 'em sua ordem natural, devemos pensá-los como dispostos em uma linha reta, cada um adicionando-se ao anterior. Ora, a série numérica natural pode dar origem a várias outras séries; por exemplo, poder-se-ia tomar a série geométrica cujas razões comuns são 2 ou 3 ou 4, e assim por diante para outras razões. Assim como o homem, pelo pensamento, pode manipular números, assim Deus o faz ao construir as substâncias das coisas a partir dos números. Ao construir a substância da alma a partir dos números mencionados, ou seja, todos aqueles colocados em uma série de linha reta de acordo com sua ordem natural, ele os divide em duas séries: uma, a série geométrica cuja razão comum é 2; a outra, a série geométrica cuja razão comum é 3; porque essas duas abrangem todas as proporções harmônicas. Pois a proporção dupla é dividida nas razões 3:2 e 4:3; a tripla em 2:1 e 3:2. Portanto, os números acima mencionados são tomados, na série geométrica com razão comum 2, até o primeiro número cúbico, e.g., 1,2,4 até 8; também na série com razão comum 3, e.g., 1,3,9,27. Essas duas séries se encontram na unidade como duas linhas retas contendo um ângulo.

§ 100. Além disso, se os números na série cuja razão comum é três são unidos à unidade, obtemos como resultado os números da série cuja razão comum é 2; e.g., se a 1 é adicionado 3, o resultado é 4. Inversamente, se a 1 é adicionado 2, o resultado é 3. Assim, é como se duas linhas fossem traçadas intersectando-se uma à outra como a letra grega X.

§ 101. Se prosseguirmos, retornamos aos mesmos números. Pois de 4 vamos para 8 e de 3 para 27; ambas as séries concluindo com o mesmo tipo de número, como se estivéssemos andando em círculo.

§ 102. Devemos perceber que para Platão as coisas mais complexas encontradas na natureza são compostas de naturezas mais simples, assim como as harmonias dos sons surgem das proporções entre os números. Ele colocou a essência da alma no meio-termo entre os números, que são eminentemente abstratos, e as substâncias sensíveis; e assim deduziu as propriedades da alma a partir dos referidos números. Assim, na alma encontramos, primeiro, um conhecer direto, pois ela olha diretamente para seu objeto; e depois o retorno circular pelo qual o intelecto reflete sobre si mesmo. Assim também a alma intelectual move-se em uma espécie de círculo com respeito ao par e ao ímpar ao conhecer coisas tanto semelhantes quanto dessemelhantes a si mesma. E este princípio é estendido à substância dos céus visíveis movidos pela Alma do Mundo.

§ 103. Pois nos céus encontramos dois movimentos circulares. Um é simples e uniforme pelo qual os céus se movem ou giram diariamente de leste a oeste de acordo com o círculo equinocial. O outro é o dos planetas, que é de oeste a leste de acordo com o círculo do zodíaco, intersectando o

círculo equinocial nos dois pontos do solstício, i.e., no início de Câncer e de Capricórnio.

§ 104. E, como o primeiro movimento é uniforme, não é dividido em vários movimentos; e nisto se assemelha ao círculo dos números ímpares; que é também a razão pela qual é o maior círculo; pois os números ímpares referidos são maiores que os pares.

§ 105. O segundo movimento, no entanto, é muito diversificado, e parece, portanto, corresponder ao círculo dos números pares. Ele se divide em sete círculos de acordo com os intervalos entre os números nas duas séries de múltiplos de 2 e de 3, como é dito no *Timeu*. Onde há seis pontos de divisão, deve haver sete partes divididas. Portanto, esses círculos são menores e são contidos pelo círculo mais alto que é o dos números ímpares. Assim, o texto deve ser interpretado: 'Como o todo', i.e., o Universo, é 'levado adiante com movimentos bem afinados', isto é, como os movimentos harmonizados dos céus se devem à harmonia da Alma do Mundo, Deus 'curvou a linha reta em um círculo' da maneira descrita, de acordo com as propriedades do número e da alma; e dividindo este um círculo — um pela unidade da série natural de números, ou pela do poder intelectual da alma — em dois, ele forma o par de círculos numéricos, o ímpar e o par, e o par de círculos na alma, o entendimento de objetos móveis e imóveis, e o par de círculos celestes, os movimentos equinocial e zodiacal.

§ 106. Ele acrescenta, no entanto, 'ajustado em dois pontos', porque quaisquer dois círculos que se intersectam tocam-se um ao outro em dois pontos. E 'novamente um', i.e., o inferior, 'ele dividiu em sete círculos', como se fossem dos planetas, 'como se os movimentos celestes fossem os movimentos da alma, i.e., como se os céus se movessem pelo movimento da Alma do Mundo.'

Revision #2
Created 4 October 2026 19:23:20 by Admin
Updated 11 October 2026 21:59:42 by Admin